Universidades Lusíada

Freire, Maria Elisabete Ferreira, 1957-
Neto, Maria João Pereira

Habitar, o significado e sentido da habitação : uma reflexão

http://hdl.handle.net/11067/4890

Metadados

Data de Publicação 1999

Tipo bookPart

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-10-12T03:18:49Z com informação proveniente do Repositório

http://repositorio.ulusiada.pt

HABITAR, O SIGNIFICADO E SENTIDO DA HABITAÇÃO: UMA REFLEXÃO

MARIA JOÃO PEREIRA NETO
MARIA ELISABETE F. FREIRE

As primeiras casas foram construídas pelos nossos antepassados há mais de um milhão de anos. Eram habitações simples em que cada uma pertencia a um indivíduo ou a uma unidade familiar. Vestígios destas construções foram descobertos recentemente na Tanzânia, nomeadamente na garganta do Olduvai. Na actualidade, apenas é visível um círculo de pedras, o que indica que a forma primitiva de construção seria circular.

Outros achados arqueológicos, encontrados no sul da Europa (Riviera Francesa), revelaram um aglomerado de cabanas, de formato oval, construído há cerca de 300 000 anos. O processo de construção destas habitações, em pleno Paleolítico, demonstrava já um certo cuidado na sua elaboração. Assim, estas comunidades humanas enterravam ramos de árvores e arbustos no solo, mantendo-os erguidos com pedras, vergando-os para darem forma ao telhado e colocavam postes verticais para susterem o centro de cada cabana. Encontraram-se também vestígios de que fabricavam os seus utensílios de pedra, enquanto se reuniam em torno de uma lareira. Este facto é um sinal de que o local do fogo, ontem como hoje, ocupa um lugar fulcral no seio das sociedades humanas.

Com o processo de sedentarização as construções humanas evoluiram e os aglomerados cresceram. No Neolítico a forma geral da casa manteve-se. Porém, as paredes eram mais fortes, em alguns casos, com a parte inferior feita de pedra e a superior de tijolos de lama. Nalguns casos podiam mesmo existir andares superiores com plataformas para dormir. Importa realçar dois aspectos interessantes nestas construções. Por um lado, aparecem já bem definidos diferentes tipos de fenestrações:

as portas e as janelas. Por outro, evidenciam a existência de uma individualização de espaços, com atribuição de funções distintas, por exemplo, área de comer, de dormir, de armazenamento dos produtos agrícolas. Todavia, não existia ainda uma compartimentação física bem definida.

Com o crescimento das populações havia a necessidade de concentrar um maior número de indivíduos num menor espaço. Todavia, esta forma arredondada da habitação dificultava a subdivisão interna, sendo também muito difícil juntar várias unidades de modo a gerar um edifício maior e mais complexo. Para isso era necessário a criação de paredes rectilíneas. Esta possibilidade surgiu com a utilização na construção de tijolos paralelepipédicos de lama. Assim, era possível construir de forma quadrangular ou rectangular, ou seja, uma estrutura em caixa. Ainda no Neolítico surgem exemplos de agrupamentos de casas rectangulares em torno de pátios interiores e comunais ou seja estas comunidades viviam de costas voltadas para o mundo exterior (Çatal Hüyük, na actual Turquia). Os acessos a estas habitações eram feitos por escadas amovíveis, ou seja, quando os proprietários entravam, as escadas eram retiradas tornando o edifício praticamente inacessível. O interior destas casas já demonstrava a existência de uma verdadeira divisão em compartimentos aos quais estava atribuída uma funções específica. Havia quartos para dormir, quartos para comer, quartos de estar, quartos para armazenamento dos produtos agrícolas. Originalmente as paredes divisórias não eram mais do que painéis delgados, mas com o tempo foram ficando mais pesadas e grossas. Um outro aspecto crucial nesta nova concepção de habitar é a noção de segurança e de privacidade.

Este sistema de povoado pouco mudou desde esses tempos mais remotos, pois ainda hoje continuamos a viver em pequenos compartimentos no interior de pequenas caixas. Actualmente, continuamos a subdividir as nossas casas de acordo com funções básicas, como comer, dormir, armazenar, lavar, conversar. Houve de facto um enorme progresso no que diz respeito a serviços como saneamento, canalização e iluminação. Porém, no essencial, continuamos a obedecer às antigas regras da habitação. Se foram feitas mudanças estruturais, foi no sentido de uma hierarquização dos espaços interiores, do mais público ao mais

privado.

Se quisermos fazer uma hierarquia da privacidade, adaptada à conjuntura actual, podemos, *a priori,* pensar que obtemos a privacidade máxima nos nossos quartos ou seja a zona de bastidores por excelência. Seguidamente, em termos de privacidade, vem a casa de banho pois é dos poucos compartimentos da habitação que pode não ser partilhado e onde se pode ter momentos de completo isolamento, mesmo que por pouco tempo. Estudos sociológicos e antropológicos recentes (Deem, 1986) sugerem que se deve repensar a casa de banho. Nas sociedades ocidentais contemporâneas este espaço tem merecido muito pouca atenção. Por exemplo, tem-se vindo a diminuir as suas áreas sobretudo na chamada habitação social e/ou a custos controlados. Pelo contrário, os japoneses, que se debatem com imensos problemas de espaço e de insuficiência de privacidade, estão a apostar fortemente nas casas de banho, não apenas em termos de design de interiores, mas também, no que se refere aos seus equipamento, que são cada vez mais sofisticados

O território pessoal ou familiar é, por conseguinte, organizado numa série de espaços de exclusividade crescente, fazendo-nos ficar cada vez mais à vontade, à medida que nos aproximamos do santuário mais íntimo: o quarto. Se nos movermos em direcção da porta de entrada, tornamo-nos cada vez mais públicos. Este profundo sentimento de segurança pessoal tem permanecido com o ser humano ao longo de milhares de anos e quase não foi tocada pelo progresso. O que mais se alterou, foi sobretudo o equipamento e o mobiliário que utilizamos nas nossas casas, os quais estão, de acordo com regras de funcionalidade específicas, de moda, e segundo os desejos pessoais de conforto. Estas escolhas resultam não apenas de necessidades físicas mas também de outras psicológicas.

Nas nossas habitações sempre existiram comodidades ocultas que interiorizamos na maior parte das vezes de forma inconsciente. Para além do conforto que procuramos nos pormenores do mobiliário, quando escolhemos, por exemplo, determinadas cores em detrimento de outras, para decorar as divisões das nossas casas, estas escolhas refletem muito mais do que um mero

fenómeno de moda. Consciente ou inconscientemente associamos determinadas sensações a determinadas cores. Estas reflectem necessidades e estados psicológicas diferentes. Assim, por vezes a cada uma dos espaços das nossas casas, com funções diferentes, atribuimos cores distintas.

A casa está no centro de toda a vida humana e é um facto inquestionável. Sabemos que é das marcas mais visíveis da ocupação da superfície da Terra pela espécie humana desde as épocas mais remotas. É nela que nascemos, onde procuramos protecção e abrigo, pode ser um local e um instrumento de trabalho. Pode ser um cenário para as nossas *performances* sociais e simultaneamente a nossa zona de bastidores, o nosso refúgio secreto, onde hoje já podemos comunicar com o mundo através dos milagres das novas tecnologias.

A criação de uma habitação exige uma compreeensão plena dos seus significados sociais, pessoais e culturais, bem como da sua funcionalidade. Para além disso, importa não esquecer que existe uma forte interacção entre significado e função.

Devemos estar pois atentos às transformações nos estilos de vida, às reinterpretações dos espaços, às simbologias das necessidades. É fundamental a abordagem das filosofias de vida associadas ao habitar nomeadamente se quisermos desenvolver espaços intermédios, semi-públicos e semi-privados, baseados no desejo de novas formas de socialização e de novas relações de vizinhança.

Constata-se que os projectistas estão frequentemente mais preocupados com as questões de ordem estética e economicista do que com os aspectos de ordem mais prática e pragmática, nomeadamente no que se coloca ao nível das necessidades e desejos, físicos e psicológicos, dos utilizadores. É fundamental que os arquitectos sejam sensibilizados para estas problemáticas, no sentido de melhor perceberem de que forma é que os espaços em que vivemos, habitamos, nos podem transformar. A casa e o corpo humano encontram-se profundamente ligados. A casa é uma extensão da pessoa, como uma segunda pele, uma

carapaça, partilhando com o indivíduo uma história de vida.

É essencial compreender que o espaço de caracter fixo constitui um molde que afeiçoa uma boa parte do comportamento humano. Era esse papel fundamental que Winston Churchill fazia alusão quando dizia 'damos forma às nossas construções, as quais por sua vez, nos dão forma a nós' (Edward T. Hall, 1986, p.125).

REFERÊNCIAS

ARIAS, E. G.(1993*) The Meaning and use of Housing: international perspectives, approaches and their applications*. Aldersshot, Avebury
ARIÉS, P.(1981) *História Social da criança e da família*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Zahar Editores
DEEM, R. (1986) *All Work and no play? The sociology of women and leisure*. Milton Keynes, Open University Press.
GOFFMAN, E (1959) *Presentation of self in everyday life*. Garden City (Nova Iorque) Anchor Books/Doubleday.
HALL, E. T. (1986) *A dimensão oculta*. Lisboa, Relógio d'Água.
MORRIS, D. (1996) *O animal humano, uma perspectiva pessoal da espécie humana*. Lisboa, Gradiva.